

MITO E TRADIÇÃO EM DALILA PEREIRA DA COSTA

Manuel Gama

Departamento de Filosofia
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Universidade do Minho

Mito é um conceito complexo e difícil, pois tanto pode velar como desvendar a realidade. Neste sentido, dados os seus tão diversos níveis de significação, se pode entender a expressão de Fernando Pessoa: «O mito é o nada que é tudo».

Se na sua primeira acepção, o mito é um relato fabuloso de conteúdo religioso, que depois apareceu a significar a representação, de estrutura imaginativa, com a apreensão de valores, a noção de mito passou além do domínio religioso, sendo então o relato imaginário que tem o valor de símbolo. Neste aspecto, afastado já do seu sentido primitivo, o mito ganhou o significado de projecção no futuro da realização de um ideal, aproximando-se, aqui, do conceito de utopia.

A tradição, descoberta pela hermenêutica para o campo filosófico¹, é o elemento constitutivo da historicidade e da compreensão do homem. O homem não pode sair da História para a poder pensar, estando, pois, condicionado por ela. Ou seja, o homem não tem conhecimento de si, da natureza e da

¹ Papel relevante, neste aspecto, teve o filósofo alemão H.-G. Gadamer. Veja-se sobretudo *Vérité et Méthode*, (trad. francesa), Paris, 1976; *L'Art de Comprendre. Ecrits I-Herméneutique et Tradition Philosophique*, (trad. Francesa), Paris, 1982; *L'Art de Comprendre. Ecrits 2-Herméneutique et Champs de L'Expérience Humaine*, (trad. francesa), Paris, 1991.

História, sem mergulhar na tradição². No entanto, se a tradição é

² Cf. Celestino Pires, «Tradição», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 5, 1992.

condição de conhecimento que lhe abre novas perspectivas, se for encarada como via absoluta pode paralisar o pensamento. Assim, a tradição, só quando portadora de passado e de futuro, é capaz de abrir horizontes novos de compreensão e de possibilidade.

A escolha do título do presente estudo e esta pequena introdução não foram feitos por mero acaso. Quanto a nós, tradição e mito são simultaneamente dois temas fundamentais do horizonte antropológico e dois pilares de suporte da estrutura do pensamento de Dalila Pereira da Costa.

Neste findar de século - de ligação tão íntima com a última metade do anterior -, em que a mentalidade positivo-cientificista parece querer alimentar o devir apenas no *aqui e agora*, é importante que se mantenha viva a chama do saber não positivista que, apesar de obnubilado por «saberes» ostentatórios, ainda permanece, afinal, como a estrela que indica o norte³. Grande limitação a da cultura presente, que faz tábua-rasa dos mistérios e que quer fazer crer que fora dos trilhos do logismo racionalista e do experimentalismo não há caminhos de verdade.

³ Preocupação semelhante já denotara Roland Barthes, que o teria levado à escrita de alguns textos, que viriam a dar origem ao seu volume *Mitologias*: «O ponto de partida desta reflexão era na maior parte dos casos um sentimento de impaciência perante o "natural" de que a imprensa, a arte, o senso comum revestem sem cessar uma realidade que, sendo embora aquela em que vivemos, nem por isso é menos perfeitamente histórica: numa palavra, sofria ao ver a cada momento confundidas, na narração da nossa actualidade, a Natureza e a História (...)» - Roland Barthes, *Mitologias*, trad. de José Augusto Seabra, Círculo de Leitores, Lisboa, 1987, p. 7.

Já António Quadros deixara anotado que o conjunto da obra de Dalila Pereira da Costa inclui «por um lado, o domínio ou a vertente de uma literatura puramente visionária e mística, por outro, o de uma hermenêutica especialmente empenhada na sondagem e decifração de símbolos, de mitos, de textos sagrados, de uma poesia e de uma novelística onde haja predomínio do elemento transcendental sobre os elementos positivos e sociológicos»⁴. É também assim que nós vemos o pensamento da nossa escritora: todo ele repassado pelo brilho dos mitos, em que a tradição é sondada como caminho de verdade e as dimensões de imortalidade e eternidade sempre aparecem no horizonte⁵.

O mito é uma forma de ler a realidade⁶. Se em Dalila Pereira da Costa encontramos esta visão hermenêutica, é também evidente que o mito aparece como o motor da acção dos povos e da regeneração das culturas. O esbatimento dos mitos leva à perda da alma das culturas. O povo que não tem os seus mitos tende para a inaniidade. Tal seria o efeito do positivismo do século XIX, que intentou desmoronar as visões míticas e destruir todos os heróis. É numa linha contrária a esta tendência alastrante que vemos irradiar o pensamento de Dalila Pereira da Costa. Veja-se especialmente a sua obra *Da Serpente*

⁴ António Quadros, «Posfácio» a Dalila Pereira da Costa, *O Esoterismo de Fernando Pessoa*, 3ª ed., Lello, Porto, 1987, p. 210.

⁵ Neste aspecto, merece especial atenção a sua obra *Os Sonhos, Porta de Conhecimento*, Lello, Porto, 1991, onde se denotam as influências de Schelling, Novalis, Swedenborg, Sampaio Bruno.

⁶ No sentido de fazer a aplicação deste princípio à cultura portuguesa parece ir a obra de Eduardo Lourenço *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, 2ª ed., Dom Quixote, Lisboa, 1982. Aqui se refere que até as *imagens* de origem literária, entre nós, alcançaram uma espécie de «estatuto mítico» (p. 14).

à *Imaculada* (1984), impregnada pela força de figuras míticas como Anas, Tagus, Atégina, Endovélico, Minius. Neste seu estudo faz-se também a análise dos dois mitos propulsores da expansão portuguesa: a missão e a saudade, ligados respectivamente às acções da cruzada e da emigração.

Perante os desmandos imediatos à implantação da República, passados meia dúzia de dias, escrevia sensatamente Sampaio Bruno que era necessário e indispensável o respeito pela grande lei da continuidade histórica: «A lei da continuidade histórica, dizia, reside em que as transformações racionalistas contem com o factor da realidade da tradição, de modo que se não suponha possível um princípio na efectividade social só porque ele seja exacto e justo na esfera da especulação pura»⁷. No mesmo sentido vai o pensamento de Dalila Pereira da Costa. As transformações requerem filiação, que só na tradição encontram a «força de futuro», ao mesmo tempo que aquela é fonte de sobrevivência e progresso de uma nação⁸.

A tradição de uma pátria ganha inteligibilidade quando vertida nos seus símbolos, nos seus «símbolos tradicionais»⁹. Estes não são coisa morta, elementos de um conhecimento erudito ou arqueológico, passado, mas, bem pelo contrário, diz Dalila Pereira da Costa, «elementos vivos e

⁷ Sampaio Bruno, in *A Pátria*, Porto, 12.OUT.1910.

⁸ Cf. Dalila Pereira da Costa, *A Nau e o Graal*, Lello, Porto, 1978, pp. 95-96.

⁹ Dalila Pereira da Costa, nesta sua obra, remete-nos para os símbolos da caravela e do graal - razão do título do livro -, tentando vislumbrar «uma das possíveis interpretações, ou sentidos - sempre ilimitados - que eles em si conterão» (p. 96).

eternos, capazes de eternamente serem conhecidos e usados por uma comunidade na sua vida completa: no pensamento e na acção - como elementos de integração»¹⁰. Os símbolos são a expressão visível - com força de acção -, da tradição como espelho de um passado útil e utilizável. A tradição é a grande fonte onde a pátria deve beber a sua força fecundante de desenvolvimento, e nela criará novos ciclos ou formas de vida, de futuro. Enfim, na tradição reside a «única força possível de futuro»¹¹.

Como refere Dalila Pereira da Costa, os arquétipos fundamentais, que sempre conduzem uma pátria, são como que as suas sementes que geram, estruturam e dão coesão à sua cultura¹². E, numa visão arquetípica, tradição e mito são a mesma realidade sob a mesma cor esbatida em tons diferentes: a tradição requer o mito e o mito exige a tradição. Daí que, para concluir, tomemos o apelo intemporal, e ao mesmo tempo tão oportuno neste findar de milénio, de Dalila Pereira da Costa: «Agora e aqui, na pátria portuguesa, urgiria realizar o gesto repetido do alquimista, o que nada descobre de novo, mas tão-somente vê de novo um segredo transmitido numa tradição, através dos símbolos»¹³.

¹⁰ *Id., Ib.*, p. 97. Os símbolos têm impressos os pontos condutores da demanda para o bem supremo da imortalidade: «a procura do bem supremo, por uma série de provas impostas que por si levarão, ou serão, na sua realização, a, ou um, sacrifício ritual dos homens; sacrifício que assim será o preço para a obtenção desse bem supremo: a imortalidade» (p. 97).

¹¹ *Id., Ib.*

¹² *Id., Ib.*, p. 7.

¹³ *Id., Ib.*, p. 11.

Colóquio *Dalila Pereira da Costa e as Raízes Matriciais da Pátria*, Porto, 17 e 18 de Maio de 1996.

«MITO E TRADIÇÃO EM DALILA PEREIRA DA COSTA»

(Resumo)

Manuel Gama

(Universidade do Minho)

Tradição e mito são simultaneamente dois temas fundamentais do horizonte antropológico e dois pilares de suporte da estrutura do pensamento de Dalila Pereira da Costa.

O mito é uma forma de ler a realidade. Se em Dalila Pereira da Costa encontramos esta visão hermenêutica, é também evidente que o mito aparece como o motor da acção dos povos e da regeneração das culturas. O esbatimento dos mitos leva à perda da alma das culturas. O povo que não tem os seus mitos tende para a inanidade.

Por seu lado, a tradição de uma pátria ganha inteligibilidade quando vertida nos seus símbolos, nos seus «símbolos tradicionais». Estes não são coisa morta, elementos de um conhecimento erudito ou arqueológico, passado, mas bem pelo contrário, como afirma Dalila Pereira da Costa.